

# PROMETEUS

## FILOSOFIA EM REVISTA

VIVA VOX- DFL – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Ano 3 - no.6 Julho-Dezembro / 2010

---

### FENOMENOLOGIA COMO ONTOLOGIA: HEIDEGGER E A “QUESTÃO DO SER” A PARTIR DA INTUIÇÃO CATEGORIAL DE HUSSERL

Tatiane Boechat  
Doutoranda do PPG-FIL/UFSCar

**Resumo:** A questão explorada nesse artigo versa sobre a importância do conceito de intuição categorial no que se refere à elaboração da pergunta pelo ser (*Seinsfrage*) para o filósofo Martin Heidegger. No período em que esteve em contato com a fenomenologia de Husserl, a questão filosófica que perpassava o seu pensamento era sobre “o que quer dizer ‘ser’?”. Ele procura pensar esta questão através da fenomenologia husserliana, mais especificamente, pelo conceito de “intuição categorial”. Esse é o conceito fundamental que abre o caminho para uma leitura de Heidegger da fenomenologia. Procuramos, então, entender como ocorre a aproximação entre a intuição categorial e a questão do sentido do ser, mais especificamente, como Heidegger concilia o seu interesse pela questão do ser e o âmbito de significação pré-predicativa aberto por Husserl. Ao considerar isso, mostraremos que é através de uma alteração do estatuto do ser inaugurada pela fenomenologia e da elaboração da pergunta pelo sentido do ser mesmo e do ser do homem que Heidegger pensa a condição de possibilidade do ente enquanto tal.

**Palavras-chave:** fenomenologia; intuição categorial; questão do ser; pré-predicativo.

**Abstract:** The question explored in this paper focuses on the importance of the concept of categorial intuition as regards the preparation of the question of being (*Seinsfrage*) for the philosopher Martin Heidegger. In the period when he was in contact with Husserl's phenomenology, a philosophical question that pervaded his thinking was on "which means 'be'?". He tries to think this issue through Husserlian phenomenology, more specifically, the concept of "categorial intuition". This is the fundamental concept that paves the way for a reading of Heidegger's phenomenology. We thus understand how the rapprochement between the categorial intuition and the question of the meaning of being, more specifically, as Heidegger reconcile his interest in the question of human meaning and scope of pre-predicative opened by Husserl. In considering this, we show that it is through a change in the status of being inaugurated by phenomenology and the design of question about the meaning of being itself and of man's being that Heidegger thinks the condition of possibility of beings as such.

**Keywords:** phenomenology; categorial intuition; question of being, pre-predicative.

## **Introdução:**

O pensamento filosófico de Heidegger e seu contato com a idéia de fenomenologia se intensificam no período em que ele é assistente de Husserl em Freiburg. Período extremamente frutífero que possibilitou a edificação da sua principal obra, *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*, 1927). Heidegger diz que esta obra foi possível sobre a base lançada por Edmund Husserl. Nela, o autor assume uma leitura própria da fenomenologia ao aproximá-la da ontologia, procurando apreender o ser em geral e explicar o próprio ser tornando-os tema de uma abordagem, ou seja, de um “procedimento metódico” de investigação. A fenomenologia como um “conceito de método” não busca caracterizar a qualidade essencial do objeto de investigação, mas o seu modo, como eles o são; ela se coloca ao nível de uma discussão com as coisas em si mesmas. O contato inicial com a fenomenologia foi através das *Investigações Lógicas* (*Logische Untersuchungen*, 1900) de Husserl — como afirma em *Meu caminho para a fenomenologia* (*Mein Weg in die Phänomenologie*, 1963) e numa série de textos e seminários surgidos no decorrer dos anos sessenta.

A literatura comentada, na grande maioria das investigações que confrontam Husserl e Heidegger, procura investigar a influência existente ou não, que Heidegger tenha sofrido de seu mestre e qual a extensão do pensamento husserliano, em especial sua idéia de fenomenologia, no pensamento hermenêutico de Heidegger. Já o proposto por nós nesse artigo é consideravelmente menos ambicioso no que diz respeito a esta relação. Menos preocupado em mostrar a influência entre esses dois filósofos, procuramos aqui delimitar o tema que ocupa Heidegger em relação à tarefa que se propôs Husserl. Encaminhamos a questão desse artigo do seguinte modo: como Heidegger articula a questão do “ser” (*Seinsfrage*) com a intencionalidade husserliana, leia-se, intuição categorial? Para tanto, seguiremos a indicação deixada por Heidegger no protocolo do *Seminário de Zäringen* (*Seminar in Zäringen*) professado em 1973, apesar de pecar pelo excesso de laconismo no que diz respeito à questão do objeto sensível. Nesse texto, ele afirma que sua abordagem à questão do ser está fortemente enraizada na noção husserliana de intuição categorial. Procuramos aproximar deste ponto referencial da fenomenologia através das *Investigações Lógicas* de Husserl.<sup>1</sup> Uma

---

<sup>1</sup> Privilegiamos esta obra não apenas por ser aquela em que Husserl primeiro apresenta sua concepção de fenomenologia, mas por ser a obra a que Heidegger mais freqüentemente se refere para elucidar sua relação com a fenomenologia husserliana.

ressalva, poderíamos eleger outras fontes para investigar o surgimento e completo delineamento da questão do ser em Heidegger, tais como Aristóteles, Duns Scotus, Dilthey, Kierkegaard, no entanto, nos limitaremos a abordá-la em Husserl, ainda que não possamos atingir aqui todas as influências que o jovem Heidegger sofreu quando do surgimento da sua questão filosófica. Seguindo este caminho preliminar, tentaremos entender a importância do conceito de intuição categorial no que se refere à elaboração da questão do ser.

### **O contexto fenomenológico e seu desenvolvimento:**

A fenomenologia está centrada no objeto visado ele mesmo e no modo como é dado. O que quer dizer que o nível perceptivo em que o objeto visado é imediatamente dado é o ponto de partida para que o objeto seja descrito e explicitado em seu aspecto intencional — o que não quer dizer que o nível da representação seja reduzido a um momento anterior de realidade em que o objeto possa ser explicado. A percepção é em si mesma intencional, é um *dirigir-se a* algo (*Intentio*), não no sentido de olhar algo contemplativamente como em um processo psíquico, mas é a percepção natural que temos ao nos ocupar das coisas concretas e mundanas. O nível perceptivo ou da objetividade dá o objeto de modo imediato sem a mediação de esquemas pré-estabelecidos. O perceber de uma cadeira não é uma percepção concreta, senão um perceber enquanto tal. Atentemos agora para o percebido dessa percepção: a própria cadeira. Não se vê representações da cadeira, nem imagens, nem sensações, mas simplesmente a cadeira. O que se encontra dado na percepção da coisa é a extensão. Isso é o que se pode encontrar nas coisas, o que constitui a “coisidade enquanto tal” (*Dinglichkeit*). Essa percepção corresponde a um “ver” em sentido pleno: a intuição. O que se “vê” no ser-percebido da cadeira quando nos deparamos com ela ou com qualquer outra coisa em alguma experiência cotidiana é o apreender simples do categorial. Trataremos mais detalhadamente desta noção abaixo. Se tomarmos o objeto desde essa percepção imediata, a partir da presença intuitiva da coisa visada pode-se dizer que a “coisa mesma” funda o sentido, podendo originar o conhecimento. Portanto, a reflexão fenomenológica abre um âmbito de doação da coisa que não surge apenas da percepção sensível comumente assimilada. A percepção concreta inclui a percepção intuitiva e imediata da coisa; assim a vivência da cadeira é expressa no sentido de que a

sua percepção *comunica* o que no próprio ato se percebe, comunica o apreendido mesmo. Esse é o âmbito da intencionalidade, âmbito que torna possível a reflexão fenomenológica e no qual o caráter intencional da consciência pode ser dado. A intencionalidade é a estrutura das vivências, isto é, das atuações psíquicas e, portanto, constitui a percepção. Portanto, a intuição, empreendida através da concepção prévia de sentido ou de significação, e não desde uma região de objetos da experiência empírica, só é possível em meio à vivência na qual o ato de visar é vivido e não necessariamente tematizado. Isto é, não é preciso considerar qualquer ordem de realidade anterior à coisa em si mesma.<sup>2</sup> O nível de investigação da fenomenologia considera a coisa no próprio ato intencional em que é visada. Heidegger entende com isso que o ato intencional pode ser entendido no modo de sua doação enquanto sentido do ser, dito de outra maneira, o âmbito transcendental da experiência da consciência, a partir da descrição dos conteúdos intencionais em seu modo de ser ou de aparecer, sem quaisquer outras projeções indevidas. Consideradas as *coisas mesmas*, tal como são visadas numa total ausência de pressupostos, se afirma o primado da percepção, da mais simples intuição.<sup>3</sup>

O objeto próprio à ciência fenomenológica, como se refere Husserl, é o *fenômeno* enquanto tal. Como método reflexivo, a fenomenologia seria uma ciência descritiva dos fenômenos, uma descrição das diversas formas das vivências intencionais. No artigo publicado em 1911, *Filosofia como Ciência de Rigor (Philosophie als strenge Wissenschaft)*, o filósofo afirma que o “ser” deve ser considerado correlato da consciência (*Bewusstsein*), enquanto *algo visado* por um modo da consciência. A fenomenologia deve ter como objeto de estudo a consciência (HEIDEGGER, 2006b). É preciso conhecer a consciência em sua essência, isto é, em todas as suas formas e nos distintos modos em que visa o objetivo. A relação da consciência com o mundo será esclarecida pela elucidação do sentido dos vários atos intencionais, já que o objeto real pressupõe o objeto intencional. A fenomenologia seria, portanto, a ciência descritiva da vivência intencional e, em consequência, o fenômeno é

---

<sup>2</sup> A fenomenologia só poderá se realizar em nível reflexivo. A fenomenologia se desenvolve, levando em conta a orientação objetiva das vivências, no entanto, esta vivência não é auto-transparente, somente a reflexão torna possível “descrever, hierarquizar e sistematizar a multiplicidade dos atos intencionais” (PAISANA, J. M. **Fenomenologia e Hermenêutica: a relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger**. Lisboa: editorial Presença, 1992. p. 63). “A consciência vive na realização da própria constituição sem se saber, de modo temático, como constitutiva” (Husserl E. **Investigaciones Logicas**. Madrid: Alianza, 1999, p. 356, II, tradução nossa).

<sup>3</sup>Tal posição afirma ainda o método fenomenológico não apenas como reflexivo e explicitativo, mas como *a priori*. O *a priori* husserliano não se opõe à experiência. Em Husserl pode-se falar de um *a priori* dado, isto é, material. Para ele a validade do conhecimento é fundada de modo imediato na intuição.

a relatividade transcendental de todo ser em relação à consciência. Husserl entende que a fenomenologia só pode se realizar a nível reflexivo, fenomenologia para ele é filosofia transcendental, posição na qual Heidegger se distancia, visto que, visa uma ontologia. Para visualizarmos isto e projetarmos a noção de intuição categorial, é preciso ampliar a noção de objeto intencional da fenomenologia e ver como Heidegger dá voz ao conceito de intencionalidade husserliano.

Faremos aqui uma distinção teórica entre as concepções husserlianas de intuição sensível e intuição categorial. O critério para tal distinção ocorre entre seus respectivos objetos: o objeto sensível e o objeto categorial. No pensamento de Husserl, a intuição sensível não se opõe a uma faculdade de apreensão intelectual. A intuição sensível, bem como a categorial, surge do modo do objeto. A interpretação heideggeriana entende que na intuição sensível, Husserl apreende o objeto como algo que ocupa uma função. Um tinteiro (exemplo fornecido por Husserl nas *Investigações Lógicas*) já traz em si a relação que guarda com o seu funcionamento. Porém, no contexto da reflexão husserliana acerca da intuição sensível, o tinteiro é tomado enquanto exemplo de objeto sensível e não de “um” objeto sensível determinado. Afirma Heidegger (1990, p.463): “O tinteiro significa: objeto da percepção sensível”. Isto quer dizer que os dados sensoriais<sup>4</sup>, como a cor, a forma espacial, etc., apenas quando animados por uma intenção à qual reenviam, podem ser percebidos já como momentos da coisa (PAISANA, 1992). Em Husserl, o fundamento da objetualidade da coisa percebida pela sensibilidade não poderá consistir em um simples dado sensorial. A leitura de Heidegger concorda ao entender que o percebido são os dados sensoriais mesmos, assim, o que é dado na percepção sensível não são os objetos. É através dos dados sensoriais que o objeto aparece na percepção;<sup>5</sup> a coisa, seja ela o que for, torna-se perceptível. Assim, a objetualidade (*Gegenständlichkeit*) do objeto sensível não consiste em um simples dado sensorial, isto é, não surge da intuição sensível<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Dados chamados: hyléticos, originado de *Hylè*, que significa: “o que afeta sensivelmente”, os dados sensoriais.

<sup>5</sup> Na terceira Investigação Lógica, Husserl afirma que “o ato da percepção é sempre já uma unidade homogênea que presentifica o objeto de um modo simples e imediato” (HUSSERL, 1999, p.457)

<sup>6</sup> Podemos aludir aqui à crítica de Heidegger à tradição filosófica através da abordagem da concepção kantiana de experiência, segundo a qual traria em sua interpretação uma noção de realidade que não foi radicalmente questionada, pois, segundo a leitura de Heidegger, Kant eleva o nível da objetividade a um tipo de realidade anterior, ou melhor, a uma realidade que serviria como base ou fundo do qual permitiria explicar os objetos. Kant reduz todo o dado na experiência à experiência empírica e, conseqüentemente, caracteriza o dado como conteúdo material determinado. Supondo, portanto, para o que não existe, que

Logo, a questão que se põe Heidegger é compreender qual o fundamento da objetualidade do objeto sensível. É a partir dessa reflexão que Heidegger acusa Husserl de omitir a questão do ser do intencional. No entanto, a noção husserliana de fenômeno por si só torna obsoleta tal consideração. Para Heidegger a pergunta pela objetualidade do objeto deve ser posta nos termos de uma pergunta pela *estrutura* que pergunta pelo ser. Isto se formaliza em *Ser e Tempo* em uma fenomenologia do *Dasein*. O que resulta daí, e que deixa entrever a busca heideggeriana por uma ontologia, é que a objetualidade do objeto não pode ser percebida sensivelmente, mas, de alguma forma, ela é “dada”. Pois, o percebido é sempre tomado como um objeto, uma coisa. O que sugere que: o que fundamenta o ser-objeto é o modo de ser do ente enquanto coisa. Para Heidegger, o ponto fundamental da intuição categorial é considerar a categoria como dada, como comparecente. “Intuição categorial quer dizer: uma intuição que dá a ver uma categoria; ou uma intuição que é imediatamente dirigida para uma categoria” (HEIDEGGER, 1990, p.463). A categoria *substância* não pode ser acessada pela sensibilidade, no entanto, o tinteiro aparece por ser uma substância. O que significa que, de algum modo, a substância se dá a “ver”. Afirma Heidegger:

Quando vejo o livro, vejo uma coisa substancial, sem, portanto, ver a substancialidade tal como vejo o livro. Ora, é a substancialidade que, em sua inaparencia, permite ao que aparece aparecer. (HEIDEGGER, 1990, p.465).

Ao ver o livro, vejo uma substância sem ver, portanto, a própria substancialidade no livro. No entanto, para que veja o livro é preciso que a substancialidade apareça de algum modo, já que sem ela o livro não se daria a ver. Heidegger encontra aqui a idéia husserliana de excedente (*Überschuss*) que corresponde à intuição categorial. Na frase, “O tinteiro é pesado” o “é” torna possível a constatação do tinteiro como objeto ou substância. O “é” teria um estatuto que “transcende” a predicação. Entre as impressões sensíveis, como a do peso e a da cor, o “é” pode ser visto como o que as excede. Por não estar junto das impressões sensoriais, ele não pode ser percebido sensivelmente, no entanto, é “visto” através da presença da coisa. *Ver* aqui não tem referência com o visível, o ver sensível, mas com o ver fenomenológico que emerge do caráter reflexivo da fenomenologia de Husserl. Surge assim o dado fundamental que nos guia para o

---

nenhuma função sensorial poderia ser dada. Desse modo, o objeto surge num *a priori* que depende do juízo e da linguagem, isto é, que se encontra referido a uma subjetividade.

caminho da leitura heideggeriana da fenomenologia: o categorial. As formas, por serem dadas, tornam-se abordáveis, acessíveis (HUSSERL, 1999). Aqui Heidegger não pensa mais o sentido do ser do ente subjetivamente, como uma categoria kantiana. A categoria é agora um dado imediato. Assim, a ideia de que o objeto da intuição categorial não se constitui a partir de uma síntese advinda de elementos sensíveis e conceituais é fundamental para a elaboração da questão heideggeriana do sentido do ser do ente.

Para Husserl a intuição categorial não visa um objeto sensível simplesmente dado, mas um “estado de coisas” articulado (*Sachverhalt*), considerando que as categorias são mostradas na experiência. Por exemplo, a intuição pode fornecer um preenchimento intuitivo: o ouro é amarelo. No caso dos símbolos literais, a intuição pode fornecer um preenchimento direto pela sensibilidade, no caso da fórmula do tipo S é P, ou outras. Ambos correspondem ao preenchimento intuitivo do tipo categorial<sup>7</sup> (HUSSERL, 1999). É o ser “dado”, intuído, que forma o juízo. Ressaltamos aqui que o objeto é dado a uma consciência como “consciência reflexiva” de um puro sujeito de conhecimento. De modo que o “ser” daquilo que se dá já se encontra determinado em função desse sujeito. Logo, o fundamento da objetualidade do objeto é a própria consciência intencional para Husserl. Para que o objeto categorial encontre seu fundamento a nível intuitivo, o próprio “é” copulativo deve ele mesmo ser “dado” e o excedente de significação poderá ser mostrado ao nível de um “estado de coisas” já articulado. Segundo Husserl:

A intenção da palavra ‘branco’ coincide apenas parcialmente com o momento cor do objeto que aparece, permanece um excedente de significação uma forma que não encontra no próprio fenômeno nada que a confirme. Branco quer dizer papel que é branco. (HUSSERL, 1999, p.131- III).

A cor remete necessariamente para uma superfície, de igual modo, o “é” do juízo reenvia para uma substancialidade. O que quer dizer que uma significação como a da palavra *ser* apenas encontra um correlato objetivo e possível na esfera da intuição categorial, inversamente à esfera do sensível, comumente entendida; o ser é dado numa presença que excede a intuição sensível; temos uma intuição da coisa que não se mistura com a própria coisa. Esta alteração do estatuto do ser é que permite a Heidegger formular a questão do “sentido do ser do ente”, isto é, da condição de possibilidade do

---

<sup>7</sup> Contudo, tanto o preenchimento pela sensibilidade quanto o preenchimento pela intuição devem ser considerados como procedimentos intuitivos apesar de terem objetos intencionalmente visados diferentes.

ente enquanto tal. Assim, para ele, o objeto intencional é “ser”. Mas não é o ser que se dá objetivamente, pois a objetividade é que é um modo de ser<sup>8</sup>.

Em Heidegger o comportamento com relação ao sentido do ser do ente é diferente do proposto por Husserl com a intencionalidade, qual seja: um ato pelo qual se caracteriza o comportamento voltado ao ente. Por isso, é preciso que a relação entre esses dois autores seja relativizada, visto que, a noção de ser de Heidegger é de uma natureza diferente da de Husserl. É nesse caminho que se delineia em Heidegger a noção de fenomenologia como ontologia; diferentemente de Husserl que a pensa como filosofia transcendental.

A interpretação heideggeriana da fenomenologia de Husserl afirma que a fenomenologia reflexiva (entenda-se, a intencionalidade), não permite a formulação da questão ontológica. Para esclarecer essa tese, citamos “Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia” em que Heidegger diz:

A caracterização do ser-no-mundo como estrutura fundamental do *Dasein* coloca em evidências o fato de que todo comportamento por relação ao ente intramundano – o que denominamos até aqui comportamento intencional por relação ao ente – tem por base a constituição fundamental do ser-no-mundo. A intencionalidade pressupõe a transcendência específica do *Dasein*, a qual, de sua parte, não poderia ser clarificada partindo da intencionalidade tal como ela é correntemente compreendida. (HEIDEGGER, 1985, §15d).

A pergunta pelo sentido do ser do ente não é possível pela perspectiva da consciência reflexiva, nem é possível a ela pressupor a compreensão do ser. Na leitura de Heidegger: “[...] o sentido do ser da consciência nunca pode ser libertado como questão, isto é, a partir da abertura das suas possibilidades” (PAISANA, 1992, p. 302). Para ele, Husserl não opera uma descrição “adequada” do modo de ser da consciência intencional, no sentido de que restringe a intencionalidade à visada objetiva da consciência, com isso compromete a amplitude do conceito de intencionalidade, pois, na visão heideggeriana o visado pela intencionalidade seria o ser em geral, do qual o ser-

---

<sup>8</sup> Segundo investigamos, “para Husserl não havia aí sombra de uma questão possível, porque para ele era compreensível que ‘ser’ quer dizer: ‘ser-objeto’” (HEIDEGGER, 1990, p.466). De acordo com Heidegger (1990), ser não significa necessariamente ser-objeto, a objetividade é que é um modo possível de ser em presença. A objetividade é um modo possível de apresentar “ser”, um modo já pressupõe certa significabilidade. Se o ser enquanto “presencialidade constante” (*Gegenwart*) for questionado, é possível indagarmos pelo seu sentido. Na terminologia heideggeriana, o modo da objetividade deve contar com uma prévia abertura (*Ouvertüre*) ao mundo.

objeto é apenas um modo. A importância de uma “descrição ‘adequada’” para a edificação da ontologia fundamental ocorre porque agora Heidegger transita em um âmbito em que é possível se perguntar por algo assim como “ser”. Contudo, ao atentarmos para essa herança, não se deve desconsiderar que a subjetividade transcendental de Husserl nada tem a ver com a proposta do *ser-aí* heideggeriano e a objeção de que Husserl omitiu o questionamento do ser do intencional não se põe devidamente. A interpretação de Heidegger de que, à medida que Husserl passa da vivência concreta à ideação da consciência ele desconhece o que há de mais característico na estrutura do *ser-aí*, a *finitude* de suas possibilidades de ser, apenas nos diz que para cada um desses filósofos estava em jogo um projeto diferente (PAISANA, 1992). O projeto heideggeriano se edifica sobre a pergunta pelo sentido do ser do *ser-aí*, isto é, sobre o entendimento do seu modo de ser ôntico desde suas possibilidades mais próprias. Para Heidegger, a redução fenomenológica deve conduzir à compreensão do ser. O modo de ser do *Dasein* revela-se através da compreensibilidade, isto é, da estrutura da compreensão (*Verstehen*) enquanto uma possibilidade de ser do próprio *Dasein* (HEIDEGGER, 2006). A compreensibilidade é seu poder-ser (*Seinkönnen*) caracterizado pelas suas possibilidades enquanto tais que podem vir a ser eleitas ou não. Enquanto o *Dasein é compreensão* ele guarda precisamente em si a possibilidade de “mundo”, isto é, de abertura ou desvelamento dos entes. Em *Ser e Tempo* a compreensão abre um círculo de possibilidades que dá origem ao questionar pelo sentido do ser. Já no projeto husserliano, o ser das coisas é medido pelo seu dar-se na consciência, isto é, o ser é objeto *na* consciência, dessa forma há diferentes modos de doação da objetividade. Husserl compreende a consciência a partir de um substrato último sobre o qual ela deveria se constituir e, desse modo, não é questionável desde si mesma. O “Eu Puro” de Husserl não pertence ao mundo, a subjetividade é ontologicamente neutra. Fenomenologia para Husserl é a própria consciência intencional; tomar a fenomenologia como “ser”, tal como fez Heidegger, seria reincidir na ontologia tradicional. A consciência não tem acesso ao seu ser como questão. Assim, propomos a seguinte pergunta: Será que no escopo husserliano de fundar o conhecimento era preciso considerar a questão do ser do intencional, que, segundo Heidegger, foi omitida?

Na primeira seção da *Sexta Investigação Lógica*, Husserl faz uma distinção entre o ser como cópula e o ser como posição. O ser surge para ele como uma posição

(*Setzung*), como correlato de um ato posicional; ou seja, como correlato de um ato que põe ou afirma o ser do objeto (HUSSERL, 1999). Assim, ainda que o horizonte de doação não seja determinado pelo ato judicativo, ele o é pelo ato intencional de uma consciência, para qual o que “é” é necessariamente como *objeto*. Desse modo, o conceito de ser encontra sua edificação na coisa mesma. A percepção afirma o ser objeto<sup>9</sup> e nos dá a coisa ela mesma, em seu ser, fundando assim o conhecimento. O ser já não aparece fundado no “é” da cópula do juízo, mas se mostra na evidência da coisa em si mesma — o ser dado, intuído, que funda o juízo. Contrariamente à concepção de ser entendido através da cópula do juízo, o ser como posição seria encontrado, em *presença*, no objeto de uma percepção simples. Tomando este “estado de coisas” como um *dado*, em que o “é” da cópula, ou qualquer outra fórmula sintática (um, e, ou, etc.), é *dado*, o objeto categorial encontra seu fundamento a nível intuitivo.<sup>10</sup> *Grosso modo*, a identidade desse ente é dada pela intuição categorial. O ser encontra-se como presença imediata do visado ele mesmo. Logo, o ser pode ser intuído. Para Heidegger, seja esta *substancialidade* pensada como presença ou em vários outros modos de aparecimento ou de significado, para que *ser* possa alcançar algum modo possível de aparecimento, é preciso contar com um âmbito de mostração da coisa em si mesma, o âmbito hermenêutico. Esse âmbito se edifica deste a estrutura apofântica, pois ela é capaz de permitir o acesso à objetivação. Foi esta clareza que permite a Heidegger articular a fenomenologia husserliana com a concepção que ele tinha de fenomenologia. Estaria nesta dimensão a tentativa de Heidegger de pensar a unidade dos significados múltiplos de ser, enquanto a pergunta pelo sentido do ser? Caso seja, a análise ontológica não poderia mostrar que estes múltiplos significados da palavra “ser” não se reduzem uns aos outros impossibilitando pensar “ser” a partir de uma significação fundamental? Nesse caso a trajetória de Husserl estaria muito distante da questão sobre o sentido do ser do intencional tal como Heidegger a entende. É verdade que a dimensão hermenêutica de questionamento não possibilita que se aceite um significado

---

<sup>9</sup> Ser-objeto aqui tem o sentido de considerar a objetividade como necessidade e universalidade do conhecimento.

<sup>10</sup> Percebemos aqui que, para que o ser possa ser pensado enquanto ato posicional é preciso que nos situemos novamente ao nível predicativo. Somente pela predicação se constitui o objeto que estaria presente de modo imediato na intuição. Surge, então, a crítica de Heidegger a Husserl que possibilitará ao primeiro edificar sua estrutura hermenêutica. Segundo Heidegger, o local onde se deve procurar o ser estaria na estrutura do *como* hermenêutico, isto é, em nível pré-predicativo, porque para que a predicação se realize é necessário que a estrutura do *como* hermenêutico — estrutura da compreensão em geral — já tenha sido pressuposta.

fundamental para a palavra “ser”, no entanto, ainda assim, não se pode ordenar outras significações em função desta, da questão do ser?<sup>11</sup>

### **Conclusão:**

Heidegger entende que uma concepção do ser que o concebe como o ser presente no juízo pelo “é” da cópula — como fez boa parte da tradição filosófica —, possui um estatuto justo e exato, mas não-verdadeiro (*unwahr* = uma inverdade) (HEIDEGGER, 1990). Esse modo de “ser” somente pode ser justificado ao se perguntar pelo fundamento da objetualidade do objeto sensível pressuposto na construção do juízo. Com efeito, se o juízo não cria originalmente o aparecer do ente, então, é preciso que o ente já se tenha manifesto previamente como objeto possível de uma determinação predicativa para que a conformidade do juízo com o ente seja estabelecida.

A posição husserliana sobre a evidência da coisa em si mesma, o ser dado e intuído que funda o juízo, apresenta para Heidegger um âmbito de manifestação do ente que não tem originalmente a estrutura da proposição nem o caráter da representação. Se, de acordo com a análise da intuição categorial, o ser é dado na percepção, então, está pressuposto que nem todo ato intuitivo pressupõe necessariamente o nível predicativo. Portanto, o ser teria como estatuto um momento anterior ao juízo, isto é, um momento pré-predicativo. Apesar de Husserl ter dado esse passo terminante ao abrir o estudo para a estrutura “como” pré-predicativa, segundo Heidegger, ele se afasta das suas conseqüências e dá o primado ao objeto através da análise da estrutura “como” apofântica. Contudo, não há dúvida de que a proposta de uma significação pré-predicativa é a contribuição fundamental da fenomenologia husserliana para a formação

---

<sup>11</sup> Em Günter Figal, (FIGAL, **Martin Heidegger: fenomenologia da liberdade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 13-14) esta elaboração leva a considerações muito frutíferas. Caso seja aceita uma postura cética em relação à pergunta pelo “ser”, seria possível contestar a posição proeminente deste verbo tanto na linguagem cotidiana quanto no uso filosófico da própria palavra. Se admitirmos os vários momentos de uso deste verbo em toda a obra heideggeriana, admitiremos não uma unicidade no seu uso, mas “a possibilidade de acolher diversas questões e análises heideggerianas no contexto de outras questões filosóficas e de outras concepções, frutificando-as a partir daí”. Contudo, se supomos a questão do ser como plena de significado, então, além de admitirmos que sua intenção fosse distanciar-se da tradição filosófica para deixar para trás “um discurso objetivo e comprometido com argumentos”, admitimos ainda um diálogo extremamente rico entre o que conduz e mantém em curso a questão filosófica desta tradição. Diz Figal (2005, p.13-14): “essa questão é uma vez mais a questão do ser, e, assim, parece que só podemos nos inserir na autocompreensão de Heidegger na medida em que supomos essa questão como plenamente significativa”.

da fenomenologia hermenêutica de Heidegger. Através dela torna-se possível a proposta de uma ontologia fundamental à medida que possibilita a investigação do ser do ente a partir de um âmbito no qual o interesse teórico e experimental pelo mundo, tal como a tradição filosófica interpretou – como um agregado de entes independentes uns dos outros –, fica de lado; na terminologia husserliana, seria a passagem da subjetividade mundana à “subjetividade” transcendental.

Não é mais necessário investigar os objetos do mundo e obter o conhecimento de regiões ônticas para se pensar o conceito de “mundo”. Há, na fenomenologia reflexiva, um rompimento com a distinção entre natureza (o mundo das coisas corpóreas) e espírito (o mundo anímico, o pensamento), tornando possível alterar a própria significação de “mundo”. Através dessa alteração do estatuto do campo de investigação filosófica, Heidegger articula a fenomenologia hermenêutica e propõe uma estrutura pré-predicativa que permite passar do nível objetivo ao nível pré-objetivo, o que ele vai chamar de estrutura “como” hermenêutica que será a constituinte da mundanidade do mundo (*Weltlichkeit*). Nesse sentido, Heidegger faz uma distinção no interior da estrutura apofântica. Ele distingue entre estrutura “como” apofântica e estrutura “como” hermenêutica. A primeira é objetiva e a segunda é pré-objetiva. Desse modo, a estrutura apofântica se fundaria na hermenêutica, o que implicaria que a significabilidade do mundo seria pré-objetiva. Essa articulação nos mostra em que medida o pensamento heideggeriano é tributário do pensamento de Husserl. Essa demarcação é reafirmada repetidamente por em *Sein und Zeit*.

Assim sendo, a formulação heideggeriana da pergunta pelo sentido do ser (*Seinsfrage*) se efetiva frente à noção de ser estabelecida por Husserl de um ser dado (*anwesend*), intuído que possibilita seu questionamento em um modo possível de aparecer, enquanto objeto intencional. Mediado pela análise da intuição categorial Heidegger se posiciona criticamente ao propor a interrogação pelo ser do intencional: “O que significa, então, ser?”, “Qual o sentido do ser do ente?”. O que se quer dizer agora com “ser” não o significa no sentido de uma distinção entre ser absoluto frente à realidade, pois não há um projeto expresso dessa questão. Ao contrário de outros problemas que se esgotam na interrogação e na resposta, o problema do ser está implicado na questão do próprio interrogar. Mas, o que está sendo posto em questão com tal interrogação? Interrogar o sentido do ser para Heidegger significa perguntar pela estrutura da pergunta pelo ser, visto que a nossa estrutura pré-reflexiva é

possibilitadora da reflexão, e não o contrário. Ou seja, pelo ser do intencional, pelo ser daquele que se pergunta pelo ser e pelo seu sentido. Para tanto, essa resposta é encontrada no questionamento do ente que existe, o *Dasein*, pois a pergunta já se encontra imersa no acontecer mesmo. O ser-no-mundo tem a questão do sentido do ser “antes” mesmo de qualquer tomada de consciência. Para Heidegger, é desde a análise da existência que se poderá encontrar o fio condutor de todo o indagar filosófico. É um perguntar extremamente característico, pois no conteúdo da questão está o mesmo que se pergunta, o que o perguntar mesmo é. O domínio principal de questionamento da questão do sentido do ser é, portanto, a esfera da existência. A interrogação filosófica surge do existir e para ela se volta, inicia e termina no âmbito da existência. Dá-se, assim, o salto heideggeriano para a compreensão do ente a partir de suas possibilidades de ser. O caminho para a fenomenologia de Heidegger se abre como *exegese*, como *interpretar*, e a fenomenologia hermenêutica enquanto método da ontologia determina-se pelo *questionar*. Por outro lado, uma combinação entre a fenomenologia reflexiva e a fenomenologia hermenêutica não se efetiva. Pois, a primeira encerra, por princípio e razões metodológicas, a *possibilidade de questionar*. Para Husserl, o único acesso aos modos de ser da consciência é, por princípio, não *questionante*.

### **Referências bibliográficas:**

- BIEMEL, W. *Le concept de monde chez Heidegger*. Paris: Vrin, 2005.
- COURTINE, J-F. *Heidegger et la Phénoménologie*. Paris: Vrin, 1990.
- DE WAELHENS, A. *Phénoménologie et Vérité: essai sur l'évolution de l'idée de vérité chez Husserl et Heidegger*. Paris: PUF, 1953.
- FIGAL, G. *Martin Heidegger: fenomenologia da liberdade*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GREISCH, J. *Ontologie et temporalité*. Paris: PUF, 1994.
- HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2006a.
- \_\_\_\_\_. *Prolegómenos para una historia del concepto de tiempo*. Trad. Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza, 2006b.
- \_\_\_\_\_. *Ontologia: Hermenêutica de la Facticidad*. Ed. eletrônica. Buenos Aires: 2005. Disponível em: <[http://: www.heideggeriana.com.ar](http://www.heideggeriana.com.ar)>. Acesso em: 13 ago. 2006.

- \_\_\_\_\_. *Les problèmes fondamentaux de la phénoménologie*. Paris: Gallimard, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Lógica – la pregunta por la verdad*. Trad. J. Alberto Ciria. Madrid: Alianza, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Meu caminho para a fenomenologia*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Questions III e IV - Le Séminar de Zähringen*. Trad. Jean Beaufret. Paris: Gallimard, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Carta-prólogo a “Heidegger: Trough Phenomenology to Thought”* de William Richardson. Trad. Pablo Oyarzun Robles. Ed. eletrônica. Madrid: 1984. Disponível em: <<http://www.philosophia.cl>>, 1984. Acesso em: 19 ago. 2006.
- HUSSERL, E. *Investigaciones Logicas*. Madrid: Alianza, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Recherches Logiques*. Paris: PUF, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A filosofia como ciência de rigor*. Trad. Albin Beau. Coimbra: Atlântida, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Expérience et Jugement*. Paris: PUF, 1970.
- MOURA, C. A. R. *Racionalidade e Crise*. São Paulo: Discurso editorial, 2001.
- PAISANA, J. M. *Fenomenologia e Hermenêutica: a relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.